

Estudo da UnB com instituto de Paris conclui que o Plano Piloto precisa se integrar a seu entorno para bem de todos. E aponta excesso de áreas verdes

A capital da segregação

LUISA MEDEIROS
CECÍLIA BRANDIM
DA EQUIPE DO CORREIO

Depois de quase duas décadas de esforço pela preservação do conjunto tombado de Brasília, os defensores da cidade ícone da arquitetura moderna estão diante de um novo desafio. A capital virou metrópole. Tem hoje problemas que não foram previstos no projeto original de Lucio Costa, e portanto, que desalinham a marca do arquiteto. A cidade parque foi tombada por engarrafamentos, concentração de emprego, aumento da violência, segregação socioespacial. Consequências de uma ocupação urbana descontrolada que a cerca e aumenta a cada dia. Realidade que preocupa a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que há 19 anos deu a Brasília o status de Patrimônio Cultural da Humanidade.

Saber por que a capital tem os mesmos problemas de cidades que não foram planejadas, e quais são as possíveis soluções para resgatar e preservar o que existe, foi o objetivo de um estudo da Universidade de Brasília (UnB) em parceria com o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento e Cooperação (IRD), de Paris, financiado pela Unesco. Especialistas se debruçaram sobre o assunto e chegaram a conclusões polêmicas, porém já conhecidas. Segundo o documento *A questão ambiental urbana e a preservação do patrimônio da humanidade*, as soluções adotadas até hoje para manter intacto o patrimônio de Brasília induzem a uma noção de "museificação" de área tombada, sem considerar o território da qual faz parte — sem relação preservação patrimonial, desenvolvimento territorial e meio ambiente.

Hora de perceber que existe vida além do Plano Piloto, acredita a geógrafa Maria Regina de Ma-

thieu, professora do IRD. "O primeiro passo é identificar a área metropolitana em volta de Brasília: área tombada, regiões administrativas e por cidades do Entorno do DF. Preservar a capital significa diminuir a pressão sobre ela", sugere a professora. Garantir infraestrutura, moradia, trabalho e serviços básicos para a população que está ao redor de Brasília é fundamental para preservá-la. Jurema Machado, coordenadora de cultura da Unesco, acredita que as desigualdades entre o centro e a periferia de Brasília não têm ligação com o tombamento. "É certo pensar na proteção, mas não colocá-la como causa desses problemas", pondera. Ela diz, no entanto, que a região metropolitana do DF é um fato e deve ser administrada como tal.

“É CERTO PENSAR NA PROTEÇÃO (DO PLANO PILOTO), MAS NÃO COLOCÁ-LA COMO CAUSA DESSES PROBLEMAS”

Jurema Machado, coordenadora de Cultura da Unesco

Hoje a capital concentra 80% da oferta de empregos. Telmiste Sousa da Silva, 42 anos, mora no Recanto das Emas para vender pipó e na Esplanada dos Ministérios. São duas horas de ônibus para ir e vir. Em dias quentes, e ele lucra R\$ 40. No atual tempo de frio, ganha pouco mais de R\$ 20. Mais o esforço compensa. Segundo o vendedor, não existe oferta de emprego onde mora. "Muita gente depende do Plano para sobreviver", diz ele.

A expansão urbana ao redor do projeto de Lucio Costa aconteceu como em uma cidade qualquer. "Com a pobreza nas periferias as pressões. O urbano sozinho não teve o poder de transformar uma sociedade como a nossa por um toque de mágica", acrescenta Maria Elisa

Costa, arquiteta e filha de Lucio Costa. "Recorro ao doutor Lucio quando disse que a expansão urbana acontecerá com as pressões do mercado, adaptando-se a elas. Já no Plano, se a intenção for preservar, o mercado não pode mandar, tem mais é que obedecer", cita.

A Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh) contempla a criação de uma região metropolitana do DF, dentro da revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT), documento que define o uso e ocupação do solo. "É a visão da gestão compartilhada para abraçar o Entorno", diz. As conclusões do estudo da UnB não surpreenderam o arquiteto Carlos Magalhães, representante do escritório de Oscar Niemeyer em Brasília. Para ele, as consequências da pressão exercida pela

população ao redor do Plano Piloto são conhecidas e avaliadas há cerca de duas décadas. "É claro que é preciso repetir isso até as pessoas e os governos compreenderem", afirma.

Para o presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Ricardo Pires, não há como resolver os problemas contando apenas com o governo local. Ele sugere mais acordo com os governos de Goiás e Minas Gerais para fortalecer os municípios desses estados. Das autoridades locais, ele cobra mais fiscalização para preservar o projeto original. Muitos problemas são resultado

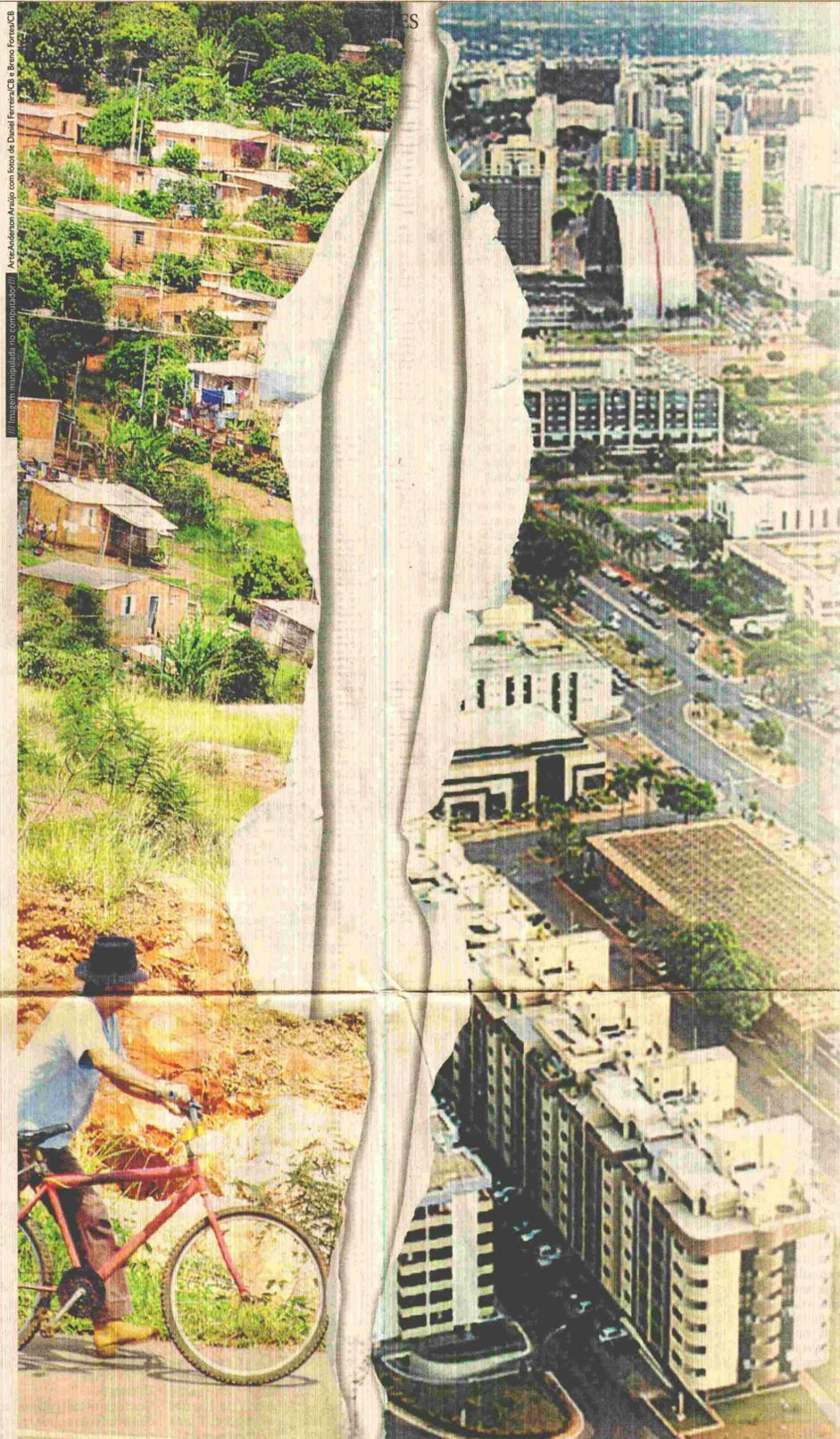
da omissão do poder público. A pressão é maior na medida que não há contrapressão", avalia.

Escalas desequilibradas

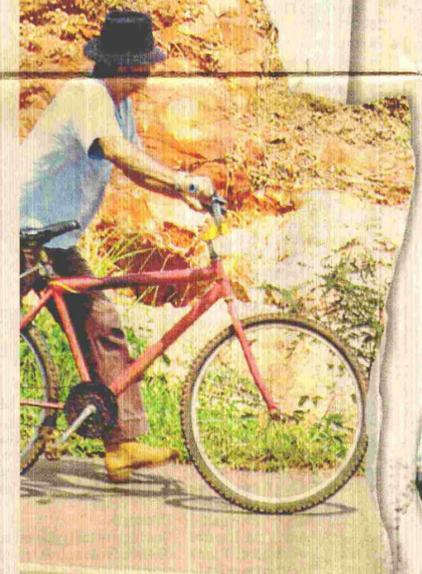
A Esplanada dos Ministérios faz parte da escala monumental (onde estão os empregos públicos) do Plano Piloto, uma das quatro criadas no projeto original de Lucio Costa. As escalas gregária (área de lazer e comércio), residencial (moradia) e bucólica (áreas verdes) devem reorganizar o funcionamento da cidade. Mas, segundo o estudo, as escalas estão desequilibradas entre si. A área onde estão os empregos, comércio e serviços está mais sobrecarregada do que as áreas para moradia e lazer, cujo movimento é cada vez mais esvaaziado, explica a arquiteta Ana Maria Nogueira, coordenadora do Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos da UnB. "Mora no Plano quem tem dinheiro, famílias pequenas, pessoas idosas. Os jovens têm que morar longe. O movimento de pessoas na cidade é durante o dia", afirma.

O equilíbrio entre as escalas do Plano Piloto e a disseminação desse conceito de qualidade de vida para as demais cidades poderiam acabar com problemas como o engarrafamento no trânsito, sugere o documento. Hoje são 320 mil veículos que circulam nas ruas da capital. Um das sugestões para diminuir o problema é criar empregos públicos federal e local em outras cidades. Além disso, criar oportunidade de moradia para renda média na capital, sugere Márcia Mathieu.

O potencial econômico e social do Plano Piloto pode ser uma das chaves para garantir o bem-estar das pessoas que moram e vêm à capital. "Eu me pergunto se não é tempo de pensar nesses locais. Já é tempo de dividir a atenção de Brasília porque a população vem de qualquer jeito", observa Alfredo Gastal, superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (Iphan).



Área Anderson Araújo com foto de Daniel Ferreira/CB e Breno Fortes/CB



AS QUATRO ESCALAS

RESIDENCIAL

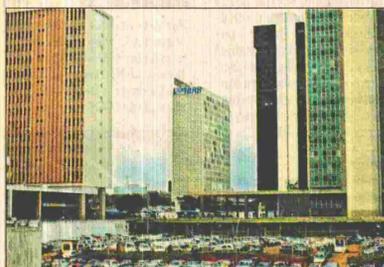
É a que fixa o limite de seis pavimentos aos edifícios e a organização deles no Plano Piloto. O formato das superquadras foi escolhido pelo urbanista Lucio Costa para garantir um espaço de convivência comum a todos.



Cadu Gomes/CB/22.06

GREGÁRIA

São as atividades de agregação urbana no centro da cidade (emprego, saúde, serviços públicos, iniciativa privada). Por isso, os setores bancário, comercial, de autarquias e de diversões foram reunidos em uma grande área, no encontro dos dois eixos.



Daniela Sasaki/Especial para o CB/9.3.05

MONUMENTAL

Reúne em torno do Eixo Monumental os espaços públicos da administração e os ícones da identidade nacional com o teatro e a biblioteca nacional, além das sedes dos três poderes.



Breno Fortes/CB/27.6.06

BUCÓLICA

É a tradução do conceito de cidade-parque, que divide o espaço comum entre o verde e o urbanizado. Está presente em detalhes do conjunto urbano como os espaços livres do pilotis dos prédios, a preservação da orla do Lago Paranoá, o predomínio do verde sobre as construções em diversos pontos da cidade.



Ronaldo de Oliveira/CB/17.2.06

POVO FALA //

MORAR NO DISTRITO FEDERAL É SINÔNIMO DE QUALIDADE DE VIDA?

JOANIR PAZ DA COSTA
40 anos, comerciante, moradora de Taguatinga Norte

"Em parte. Apesar de morar longe do meu trabalho, que fica no Setor Comercial Sul, tenho segurança e bons vizinhos em Taguatinga. O que falta é um transporte digno para o trabalhador. Gasto 40 minutos para chegar ao Plano Piloto, todo os dias"



JEFFERSON CLAYTON DE SOUZA FERREIRA
28 anos, técnico em processamento, morador de Ceilândia

"Falta segurança pública, boa educação e oferta de emprego onde moro. Trabalho no Plano Piloto porque é onde existe oportunidade. Para acabar com essa desigualdade, acho que a população deveria escolher os administradores de cada cidade além da capital"



CARINA DA SILVA OLIVEIRA
23 anos, doméstica, moradora de Luziânia

"Nenhuma. Onde moro não tem saneamento básico, educação, posto de saúde decente. Acredito que por morar longe de Brasília somos esquecidos pelo governo. Se fosse considerada uma região única, teria mais desenvolvimento"



JOSÉ SOUSA PINHEIRO
52 anos, recepcionista, morador do Setor O

"Sim. Em comparação com outras metrópoles, como Rio de Janeiro, vivemos muito bem. A violência não é um problema tão grave. O custo de vida é alto mas é de acordo com o salário. Vivo bem e não reclamo"



Verde, sim, mas para quê?

O esforço atual de preservar áreas de proteção ambiental no DF é outro ponto polêmico do estudo. Hoje 93% do território têm alguma restrição à ocupação urbana. Na área foram criados parques, áreas de proteção ambiental (APA), reservas ecológicas, entre outras unidades de conservação. Segundo o documento, existe "uma delimitação excessiva de espaços pretensamente de proteção ambiental". E mais, para desespero de ambientalistas ortodoxos, a delimitação de áreas de proteção ambiental não garante a qualidade de vida do território. "Faltam estudos sobre sua funcionalidade. Muitas servem de reserva de terra", afirma Márcia Regina Mathieu.

O motivo da criação de parques e unidades de conservação precisa ser revista, acredita o coordenador do Núcleo de Estudos Ambientais da UnB, Gustavo Souto Maior. Apesar de ser defensor do meio ambiente, ele diz que é necessário, no entanto, reduzir a quantidade de parques criados pelo DF. "Foram criados quatro parques no Gama e nenhum está consolidado", argumenta.

UnB será complementado, entregue ao governo local e federal, em forma de livro. A intenção é subsidiar políticas para gestão territorial. Integrante do Fórum das ONGs ambientalistas, Mônica Veríssimo também não vê nenhuma novidade nas conclusões do estudo da UnB. "Todo mundo sabe disso há mais de 15 anos, desde que foi criada a Ride (Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno)", ressalta, porém, diante das críticas à existência das áreas de preservação que o bioma Cerrado está ameaçado. "Graças a Deus, foram criadas as unidades de conservação porque senão a situação estaria muito pior". E concorda com a necessidade de se criar planos estratégicos para essas unidades. Que, em muitos casos, permitem a intersecção de aglomerados urbanos com meio ambiente preservado. (LM e CB)

A GRANDE BRASÍLIA

Quando foi inaugurada, a cidade tinha 110 mil habitantes. Passados 46 anos, são 2,33 milhões no Distrito Federal. Quatro milhões em toda a região metropolitana, composta pelo DF mais nove municípios



O TAMANHO DO PROBLEMA

3 MILHÕES DE PESSOAS moram hoje no que seria a área metropolitana do DF. Em 10 anos, o número pode chegar a 4 milhões

80% DOS EMPREGOS estão no Plano Piloto, que tem apenas 200 mil habitantes (o projeto original previa uma população de 500 mil)

320 MIL VEÍCULOS circulam por dia nas ruas. O engarrafamento no trânsito da capital é um problema típico de metrópole